

**JUSTIÇA
CIDADANIA**

Ministro Edson Vidigal
assume a presidência
do STJ

**AS VITÓRIAS DE
UM VENCEDOR**



HOJE

O ZÉ DIRCEU DOS VELHOS TEMPOS

Dr. Aurélio Wander Bastos

Existem governantes que têm história e governantes que não têm história, muito embora tantos e tantos só tenham estórias. Aqueles que tem história podem tê-las de lutas pela transformação social e podem tê-las por objetivos conjunturais. Os primeiros, em geral, são revolucionários ou reformadores, e os segundos, geralmente, são homens da ordem ou agentes conservadores. Os primeiros vêm de pactos de compromissos com o futuro e suas propostas sempre vão permeadas pelas mensagens de libertação e melhoria das condições sociais do povo.

O PT, na história do Brasil, conseguiu agrupar velhos revolucionários da juventude, que já atravessaram os 40 anos do Ato Institucional I e políticos progressistas que sucederam ao processo de abertura dos anos 79/80. Nesta simbiose de intelectuais, militantes e religiosos das mais diferentes colorações de esquerda, muitos seguiram juntos, muitos se afastaram e outros tantos foram atropelados, no ritmo da história, por eles mesmos.

José Dirceu está entre os primeiros,

aqueles que vieram do Ato Institucional 5/68 e enfrentaram, nas ruas, a esperança da juventude, e nos presídios e no exílio, o sofrimento das frustrações. As fotografias nos jornais destes tantos anos passados traduzem os seus compromissos e os seus confrontos, que muitas vezes, pela própria idade que tinham, ou, pelo próprio rito de compromissos, não deixaram suas marcas de sangue penetrarem profundamente nos sofrimentos acumulados da dívida social brasileira.

José Dirceu veio neste contexto, foi sufocado na virada de 68 e traz a marca do sangue e o tempo da história. Ele não tem como voltar na linha do seu tempo pessoal. Mas os tempos que sucedem à abertura, os novos compromissos pela construção do Estado Democrático Brasileiro, poderão comprimir as suas tantas passagens pelo desfiladeiro das Termófilas, levando-o a ancorar nas pedras soltas, ficando como vítima para viabilizar por caminhos inviáveis, as suas esperanças.

Nestes estreitamentos existem de tudo: radicais, conservadores, facilitadores, malabaristas... não há como não conviver com eles, trabalhar com eles ou

não sobreviver com eles. Nenhum deles desfila de cara aberta, de peito livre, e os seus serviços estão sempre cobertos pela casca reluzente da ameaça. Não há como escapar da maçã podre, do "lobão" do chapeuzinho vermelho e da serpente do paraíso que marcam os encontros de riscos e os desencontros de consciências.

O Brasil pensou que dariamos um adeus a 68. Mas 68 sobreviveu na lembrança de tantos e na figura do velho Dirceu. A consciência não morre quando a própria história não a deixa morrer.

Finalmente, os políticos que vieram de 68 ou da abertura, aqueles que seguiram juntos, nos partidos que governaram, impreterivelmente, fizeram concessões à política conjunturais e iniciam-se nas políticas de risco. Todavia, as práticas eleitorais para alcançar resultados, se no passado das lutas históricas nunca foram muito rigorosas nos meios, nas lutas presentes da democracia os meios não podem ser relativizados, porque eles tornam as democracias relativas, suscetíveis no arranque. O Zé Dirceu da História é a certeza do arranque.

Professor Universitário